

TEMA MONOGRÀFIC

---

## Entrevista

### *Interview*

**Entrevistador:** Pablo Álvarez Domínguez

[pabloalvarez@us.es](mailto:pabloalvarez@us.es)

*Universidad de Sevilla (España)*

**Entrevistada:** Maria Celi Chaves Vasconcelos

[maria2.celi@gmail.com](mailto:maria2.celi@gmail.com)

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Brasil)*

Data de recepció de l'original: 18-09-2024

Data d'acceptació: 05-10-2024

*1) Los historiadores/as de la educación estamos llamados a dar respuestas a los problemas y sensibilidades de la sociedad del presente. Desde este planteamiento, me gustaría preguntarle: ¿qué sentido tiene y para qué hacemos historia de la educación en la actualidad?*

Acho que a principal meta da história da educação no presente é fazer um revisionismo, em perspectiva decolonial, dos processos educacionais que foram escritos com uma visão eurocêntrica, reescrevendo-os sobre a ótica da diversidade e do multiculturalismo. Dessa forma, precisamos olhar para a história da educação, hoje, considerando vertentes de estudos que abordem o feminismo, o racismo, a escolarização como um processo tardio nas Américas, cujos modelos copiados dos europeus foram implantados de maneira obrigatória, sem considerar as características locais, além da história dos vencedores sendo vista como a única verdade existente. Na história da

educação, de maneira particular, durante muito tempo, a invisibilidade desses elementos se constituiu em um paradigma aceito para as narrativas acadêmicas. Então, fazer história da educação, na atualidade, é investigar e revisar os processos educacionais nas Américas, especialmente na América Latina, lembrando que a história da educação não se resume à escolarização. Além disso, é preciso buscar aspectos que foram silenciados, como a história das mulheres, a história das populações negras, das populações indígenas, das populações marginalizadas, das populações que estavam fora da escolarização, mas que foram educadas de alguma maneira e que também tiveram processos formais de escolarização, embora não inseridas em instituições padronizadas segundo os modelos europeus. O historiador da educação, no presente, não pode desconsiderar essas populações e suas aprendizagens e deve ter um olhar para a história da educação como não sendo somente a história da escola similar à europeia, mas como sendo a história da educação Latino Americana, que foi construída sobre outras bases e com um contexto diferente de formatação e de público.

*2) La Historia Pública de la Educación tiene encomendado el reto de contribuir a difundir entre el gran público nuevos conocimientos y nuevas formas de interpretar el pasado de la educación. ¿Tiene conciencia de que en este momento existe una mayor presencia pública de la historia de la educación? En caso afirmativo, ¿cómo cree que se manifiesta en Brasil?*

No Brasil, o espaço público, ou seja, aquele espaço que se refere às instituições que estão presentes como equivalentes ao que, em tese, deveria pertencer a todos e ser frequentado por todos, é o ambiente, ainda, “mais estudado”. Eu diria que, no Brasil, os mais silenciados são os diferentes espaços privados de educação, ambientes nos quais muitas crianças e adolescentes foram ensinados, na ausência de uma rede de escolarização pública abrangente. O nosso país, durante muito tempo, não possuía uma rede de escolarização pública sistematizada, deixando que iniciativas privadas assumissem o papel de educar que deveria ter sido do setor público. Assim, o estado acabou por destinar ao setor privado boa parte da escolarização, que foi abarcada especialmente pelas ordens religiosas, tendo em vista que o estado não dava conta do contingente populacional em idade escolar e, também, não implementou uma política educacional pensada para a educação como um projeto de nação. Isso ocorreu no Império, na República nascente

e durante boa parte do século xx. Não houve um projeto educacional de âmbito nacional que tenha sido levado a cabo e continuado durante os diferentes governos republicanos. Dessa maneira, a escolarização pública no nosso país é estudada de forma fragmentada, porque fragmentado é o processo educacional, promovido através de reformas que foram sendo implantadas de modo localizado, ou através de protagonistas que em uma e outra região colocaram em pauta movimentos e propostas de reformulação. Todavia, não houve, até o século xx, um projeto de educação pública que abarcasse toda a população e que se tornasse um plano de nação implementado no país para, na atualidade, ser rememorado e contado como um passo fundamental em relação à consolidação da escolarização para crianças e adolescentes. Nós temos uma imensa fragmentação na história da educação no que se refere à escolarização pública porque, de maneira geral, o que se tem são ideias, propostas e encaminhamentos de diferentes protagonistas, em diferentes locais, que colocaram em pauta distintas reformas, atendendo a realidades díspares. Isso porque não se pode desconsiderar as dimensões continentais do país, que tem uma diversidade enorme em seus extremos, e, em cada um desses locais, circunstâncias muitas diferenciadas. Assim, a história da educação pública no Brasil não pode ser contada no singular, mas no plural, como histórias da educação pública, que se deram em diferentes regiões e em diferentes contextos. Portanto, temos sim uma maior presença da história da educação pública no Brasil, mas isso em detrimento de inúmeras iniciativas localizadas públicas e privadas, muitas vezes, majoritárias em termos daquilo que foi feito em educação no país, além de concomitantemente às iniciativas públicas mais abrangentes.

3) *¿Están los historiadores/as de la educación dando especial prioridad en estos momentos a la necesidad de conectar con todos los públicos? En caso afirmativo, ¿a través de qué ejemplos, acciones, programas, estrategias, actividades, etc., se está llevando a cabo este reto en Brasil?*

A história da educação, no contexto atual, no Brasil está voltada muito mais para as populações que foram silenciadas até então. Há uma preocupação em dar visibilidade aos processos, aos programas, às estratégias e às táticas de educação ao longo dos séculos, que não eram para as elites, mas ações que foram direcionadas às populações mais desfavorecidas social e economicamente. Além disso, há a tentativa de recuperar processos

educativos que nem sempre se deram nas escolas, mas que foram iniciativas em comunidades em localidades, como quilombos, ribeirinhos, aldeias, freguesias, vilas e cidades do interior em que, algumas pessoas, por iniciativa pessoal, reuniam crianças, adolescentes e adultos para educá-los. Então, nós temos a educação, por exemplo, de crianças ribeirinhas, crianças órfãs, crianças em asilos, crianças que foram colocadas em casas de correção, crianças escravizadas, enfim, uma série de ações na história da educação que não são aquelas visíveis, aquelas homenageadas, aqueles trazidas à luz constantemente, mas atividades que precisam ser, cada vez mais, pesquisadas. Ao investigar essas ações, vamos poder mostrar a história de coletivos cujos traços de memória são mais difíceis de serem visibilizados, porque estão envoltos a populações que, muitas vezes, não deixaram vestígios das suas iniciativas e é preciso uma busca por fontes mais detalhadas para desvelar suas operações educativas. De certa maneira, à medida que os historiadores da educação buscam pesquisas relativas a esses coletivos, eles também se conectam com outros pesquisadores de outras áreas e com outras comunidades que falam de educação, que contam histórias, que trazem narrativas orais, que trazem relatos de suas vivências, de biografias, de autobiografias, de histórias transmitidas por gerações. Há uma necessidade, sim, da conexão com outros públicos que vão trazer uma enorme contribuição, através das suas narrativas à história da educação, porque são testemunhos valiosos do passado no presente.

4) *¿Qué papel cree que está jugando la cultura material de la escuela, la museología de la educación, la historia digital o la historia de la educación de las mujeres, por poner algunos ejemplos, ante el reto de acercar el conocimiento histórico educativo al gran público y conectar con las necesidades de la sociedad actual?*

Aqui nós temos duas questões em uma mesma pergunta: a primeira os desafios da cultura material e da museologia da educação; e a segunda, a história digital e a história das mulheres. Ambas têm um desafio muito grande de trazer para o presente aquilo que o Koselleck afirma: os traços do passado que ainda podem ser reconhecidos no presente e reconceituados nas camadas do tempo. Essa é uma forma de entendermos como esses elementos, a museologia da educação e a cultura material da escola, devem adquirir um novo significado, hoje, para as instituições de guarda. Os artefatos e a cultura material que fizeram parte da escola estão presentes nas memórias de formação de gerações, para as quais sua utilização era constante no cotidiano. De objeto

cotidiano à peça museológica há que se considerar o espaço tempo que conecta as gerações, a fim de não banalizar nem a memória, nem a materialidade dos objetos, e, nessa fronteira, reside um grande desafio para os historiadores da educação, que é aliar a sensibilidade à científicidade da operação historiográfica. Já a história digital e a história das mulheres têm outro desafio que é o de revisitá-la sob novas perspectivas. A história digital vai trazer inúmeras possibilidades, uma vez que ela permite ao historiador o acesso às fontes de uma maneira altamente surpreendente. Chartier dizia que a pesquisa, quando era feita nos pergaminhos, necessitava que o leitor desenrolasse o rolo todo para que pudesse ter acesso completo à informação, então era preciso desenrolar metros e metros manuscritos de texto. Nos dias atuais, com um clique no computador, temos acesso a uma infinidade de informações e de fontes. É claro que as fontes, por si só, não existem. Uma fonte só se torna histórica, se problematizada para tal, mas à medida que a história digital está posta, ela permite muitas perspectivas à história da educação e, da mesma maneira, à história da educação das mulheres. Isso porque elas estão lá, dentro das fontes, mas estão secundarizadas, estão subsumidas, estão escondidas dentro das falas e das escritas masculinas, dentro das narrativas de homens, e o acesso digital permite, com muito mais clareza, visibilizá-las e mostrá-las. Elas aparecem se nós procurarmos, veremos que lá estão as mulheres. Desse modo, o papel da história digital é muito importante, como nesse exemplo, para revisitá-la e recompor a história da educação, dando voz a populações secundarizadas, como no caso das mulheres, das populações negras, indígenas, ribeirinhas, e as marginalizadas. Para o historiador da educação é uma forma de tornar a operação historiográfica mais facilitadora, no sentido de poder interpretá-la com mais segurança na maneira de entender as informações que as fontes oferecem, fazendo maiores deslocamentos e percebendo como é que se moldou a modernidade em termos de história da educação.

5) *¿Cree que la Historia de la Educación está suficientemente comprometida con la reconstrucción de la memoria y con la puesta en valor de silencios, desconocimientos y olvidos? ¿Entiende que como historiadores/as de la educación hemos perdido compromiso y militancia social?*

A história da educação tem se preocupado com a questão da memória, especialmente no que se refere às mulheres, existe sim uma preocupação muito grande em revisitá-la sob novas perspectivas. A história digital vai trazer inúmeras possibilidades, uma vez que ela permite ao historiador o acesso às fontes de uma maneira altamente surpreendente.

ao espaço público/privado, como elas transitaram em suas funções domésticas, em suas aparições mundanas, como elas foram representadas no privado e no público, como elas foram governadas e também como elas governaram dentro de seus domínios, o que elas deixaram de legado e como esses legados foram apagados, as suas escrituras, as suas conquistas, as suas resistências, as suas transgressões etc. Penso que, em relação às mulheres, há uma preocupação em valorizar a memória e tirá-las do silêncio e do esquecimento, como coloca Paul Ricœur, ouvindo-as como narradoras e como testemunhas. No entanto, o importante é que, de alguma maneira, ao trabalhar com a cultura material e com a materialidade que se refere especialmente à história da educação, aos artefatos da escola, não se perca o contexto em que isso está inserido. Muitas vezes nós nos preocupamos muito com detalhes da materialidade de uma carteira escolar, de um caderno escolar, de um uniforme escolar, de um tinteiro, de uma pena, de uma lousa, da própria arquitetura escolar e deixamos de lado informações importantes sobre o cenário em que isso tudo estava disposto, ou seja, a cena política e econômica que envolvia essa materialidade. Não se pode perder de vista na história da educação as forças políticas que atuavam em cada contexto histórico, e o que se passava em relação aos protagonistas que se sentavam nas carteiras, que escreviam com os tinteiros, com as palavras usadas, naqueles uniformes, naquela arquitetura. Logo, a materialidade por si só, embora seja importante de ser pesquisada, não pode ser vista isoladamente como uma árvore em meio à floresta. É importante que se visualize as forças, as tensões, as clivagens e aquilo que estava acontecendo como o projeto político de educação em cada momento histórico em que os objetos estão inseridos. Porque não é suficiente simplesmente olhar para a materialidade diante de um contexto muito maior, político, social, económico, religioso e estético. Então, acho que, como militantes sociais, para que nós não percamos o nosso compromisso com a militância, é preciso que ao lado das pesquisas que enfocam a materialidade, que são muito importantes, como pesquisar álbuns, cadernos, fotografias, uniformes, penas, caligrafias etc., sejam abordadas as forças políticas, económicas e como, em cada país, atuavam tensões e clivagens em relação ao projeto de educação e ao projeto de escolarização que estava em curso no período. Porque se nós apenas ficarmos preocupados com os silenciamentos e com as invisibilidades de uma única questão relativa ao passado, corremos o risco de vê-lo de maneira enviesada e sem se dar conta do contexto social, político e económico que, sem dúvida, é paradigmático no que se refere ao todo do qual a educação faz parte.

6) ¿Está de acuerdo con que los museos pedagógicos actuales están contribuyendo a que la Historia de la Educación esté más presente en la sociedad? ¿Se están desarrollando algunas iniciativas o proyectos en esta línea en Brasil, cuya labor y proyección sean dignas de reconocimiento a nivel internacional?

Os museus pedagógicos, como os museus de outras categorias são importantes “vitrines” do passado, assim como também são interessantes projetos para que se possa trazer o passado no presente e manipulá-lo a partir das perspectivas de educação que nós temos na atualidade, podendo servir a múltiplos programas de formação. Então ter um museu, elaborar um museu, criar um museu pedagógico é um princípio que contribui imensamente para a história da educação. O museu pedagógico é um guardião, uma casa de guarda de fontes para história da educação que, problematizadas, questionadas, trabalhadas com operações historiográficas usadas corretamente, podem trazer muitas respostas aquilo que se quer pesquisar. Os museus pedagógicos também salvaguardam da destruição uma série de artefatos e de memórias materiais e imateriais que, de outra forma, seriam totalmente esquecidas e destruídas. Aquilo que nós vemos hoje nos museus pedagógicos, em grande parte, são materiais que estariam colocados em lixeiras, em descartes, vendidos como peças em desuso para que fossem utilizados com outras finalidades diferentes dos seus usos originais. Ao montar um museu pedagógico salva-se da destruição uma série de materiais que tem uma imensa valorização para a preservação da memória, em especial, a memória da escolarização que faz parte de todos nós. Assim, esses espaços, contribuem não só com a história da educação, mas com a história da infância e da adolescência e salvaguardam a cultura material da escola de sua destruição completa como se faz com os cadernos e com os livros da maioria das pessoas, quando na vida adulta. Todavia, o Brasil tem um problema muito grave em relação aos seus museus, que deveriam preservar a sua história. Os governos, sucessivamente, têm tido dificuldade em criar, manter, financiar e subsidiar os museus relativos à história do país, então, dizer que nós temos dificuldade em relação a manter os museus pedagógicos é redundante. Nós temos poucos museus, embora uma história riquíssima que, em cada localidade, poderia ser contada, tendo inúmeras casas que poderiam servir como casas de guarda, com um patrimônio material e imaterial imenso a ser estudado e exposto, mas que, infelizmente, devido a problemas estruturais e de ordem econômica, não permitem que a memória seja uma prioridade. Excetuando-se iniciativas pessoais e institucionais em algumas poucas universidades do país, infelizmente, temos problemas em

relação à guarda do patrimônio referente à história da educação e o que existe em termos de museologia no Brasil é a história clássica dos museus, que não se alterou substancialmente, porque não há como ter investimento para que se possa montar outros museus, que contem outras histórias, sobre outras perspectivas que não a dos “vencedores”.

7) *¿Es posible hacer desde la Universidad una Historia de la Educación que anime e impulse a profesorado y alumnado al desarrollo de un mayor compromiso social? ¿Qué importancia cree que tiene en este sentido la transferencia y divulgación del conocimiento histórico educativo a través de exposiciones, encuentros, actividades didácticas, colaboraciones con entidades y grupos sociales, etc.?*

A história da educação permite que se evidencie e se valorize aspectos do passado no presente que precisam ser preservados e estudados, particularmente, quando vivemos a transição para um mundo totalmente digital. Eu penso que a maior contribuição da história da educação na universidade, por meio do incentivo dos professores aos alunos, é mostrar aquilo que eu chamo da “paixão por guardar”, da importância da preservação da memória material e imaterial para a história. E isso, claro, se dá através das conversas, dos encontros, das atividades, das trocas de experiências entre os grupos, valorizando memórias e histórias. Como exemplo, nós fizemos a exposição da Primeira Comunhão “Meninos de Deus”, uma efeméride extremamente presente na vida de todas as pessoas e, no entanto, essas fotografias estão esquecidas em gavetas, em fundos de armários, em prateleiras, muitas pessoas nem sabem onde estão as suas fotografias de comunhão, mas elas sabem que participaram dessa celebração. Portanto, à medida que elas vêm o nosso interesse sobre essa cerimônia, elas lembram que isso é algo da história da educação, que tem importância, assim como outras tantas circunstâncias que à medida que a história da educação valoriza, também é valorizado na vida cotidiana das pessoas e nas narrativas que elas passam a ter em relação aos seus pais, aos seus familiares, às gerações passadas, às heranças imateriais das suas famílias. Isso se reflete na guarda de documentos, nos bilhetes, nas cartas, nas pequenas lembranças que ficam nas casas e que, muitas vezes, acabavam em fogueiras. Por meio da história da educação, a universidade passa a fazer com que alunos e professores valorizem um livro de receitas das mães, das avós, diários, cartas de uma tia, de uma mulher, um caderno que foi usado por algum parente ao longo dos anos. Todas essas materialidades que, de outra maneira, estariam descartadas. A

história da educação incentiva a um maior compromisso com a preservação, porque, hoje, em um mundo que, cada vez mais, se desfaz das coisas materiais, quando vivemos no limite entre os papéis e o digital, as gerações futuras, talvez, tenham poucas lembranças dessa materialidade. Nós, professores de história da educação da geração que talvez seja a última que ainda se lembra de um mundo não digital, temos a tarefa de narrar, de descrever e de incentivar os nossos estudantes à valorização do passado, por meio de exposições, de encontros, de atividades didáticas, de articulações entre grupos de pesquisas etc., até para mostrar como era viver no mundo onde ainda não havia a convivência com o digital.